

Mesa Redonda PUC – SP 04/10/2011

Por Mauricio C. Serafim

- Agradecimentos

- A princípio tenho restrições quanto à pergunta se a EdC é uma alternativa ao capitalismo. Na minha opinião entendemos mal o que seja capitalismo e atribuímos a este conceito culpas não condizentes a ele.

- Prefiro falar – e não me distancio da proposta da mesa redonda de hoje – de “sociedade centrada no mercado”, seguindo Alberto Guerreiro Ramos.

- Objetivo: apresentar a Economia de Comunhão e o seu entendimento do mercado como espaço plural.

- Podemos ter, simplificada, duas linhas gerais de entendimento da função e papel do mercado.

1) + liberal

- mercado como portadora da lógica da eficiência: é a solução para a ordem social.
- é uma esfera a-ética e a-social.
- papel do mercado é gerar riqueza.
- papel do estado é distribuir esta riqueza.
- mercado atua naturalmente para o bem comum e qq intervenção é danosa.
- enfatiza o princípio da troca de equivalências com vistas à eficiência.

2) + estatal

- a sociedade está constantemente sendo ameaçada pelo avanço do mercado (racionalidade instrumental).
- mercado deve ser delimitado pois, do contrário, os vínculos sociais serão destruídos.
- tende a ver o mercado como intrinsecamente desumanizante.
- enfatiza o princípio da redistribuição com vistas à equidade.

- A economia de comunhão considera que a realidade não é dual, mas triádica ou trinitária.

- Considera que para uma boa sociedade, além dos princípios da troca de equivalências e da redistribuição, deve ser considerado o princípio da reciprocidade.

- O princípio da reciprocidade possui a finalidade de criação e manutenção dos vínculos sociais. Esses vínculos são um tipo de confiança ampliada – importante para a esfera pública e para a economia – que vai além dos nossos laços de parentesco e amizade.

- O princípio de reciprocidade traduz em fatos os “espírito da fraternidade”. A fraternidade postula a perspectiva da relação interpessoal, é a diferença entre sujeitos idênticos – sublinha a diversidade do igual. Ela busca a superação da fragmentação (pessoal, social e política).

- Reciprocidade: “... uma série de transferências bidirecionais, independentes umas das outras e ao mesmo tempo interligadas. A independência implica que toda transferência é voluntária, livre; isso quer dizer que nenhuma transferência constitui um pré-requisito para a tomada de decisão do outro [...] Essa lógica não é condicional (como a do contrato) nem é puramente incondicional (como a da filantropia), pois, se é verdade que a dedicação do outro não é condição prévia para a minha, ao mesmo tempo não alcanço meus objetivos sem a resposta do outro (Bruni e Zamagni, 2010, p. 153-154).

- Essa lógica é denominada entre os teóricos da dádiva de “incondicionalidade condicional” e é que diferencia das trocas baseadas no princípio da troca de equivalentes.

- A EdC entende que o grande desafio para uma boa sociedade é encontrar modos de permitir a coexistência desses 3 princípios reguladores dentro do mesmo sistema social, cujo fim último é a plenitude humana.

- Uma observação: não é usada a lógica de separação em esferas ou setores. Entende-se que no mercado estes 3 princípios são possíveis de coexistirem.

- Dessa forma, podemos entender que o mercado é plural: como um lugar não apenas da racionalidade e eficiência, mas da relacionalidade.

- O mercado plural é definido entre os teóricos da economia civil e da EdC como “mercado civil” (*civismo*: qualidade dos vínculos sociais entre os cidadãos) e afirmam que o mercado como o entendemos hoje é um caso particular do mercado civil, por colocar ênfase em um dos princípios possíveis.

- Dito isso, o mercado civil procura satisfazer – além das necessidades materiais (biológicas) – as necessidades relacionais (busca de sentido).

- A EdC dá atenção ao que se denomina de “bens relacionais”: o bem econômico é a relação em si, são “bens de relação”. Expressa o fato de que de relações interpessoais têm um valor para as pessoas envolvidas. A utilidade para o sujeito que os consome decorre da forma como são desfrutados com outros sujeitos (é necessário o princípio da reciprocidade). Neste caso, a utilidade não está no consumo, mas na partilha.

- Empreendedor da EdC: além da propensão ao risco e da inovação econômica (novas combinações dos meios de produção), também são inovadores relacionais.

- Ajudados pela EdC: estando presente o princípio da reciprocidade, os ajudados são considerados também como doadores de sua necessidade, com igual dignidade. Não é um “fazer para”, mas é um “fazer com”.

Frase final: o mercado e a empresa podem vir a ser um lugar de encontro genuíno (não instrumentalizado), um lugar de fraternidade e felicidade.